

ESTÚDIO CINEMA ARTES VISUAIS DESIGN GRÁFICO

WUOLAS NEGRÃO

negraolucas.com.br

**design
gráfico**

publicações

Livro **Corpos em Divergência** capa e diagramação



“Corpos em corrupção”: Epidemias, controle e desigualdades na capitania do Grão-Pará setecentista¹

Roberta Sauaia Martins²

Resumo:

As epidemias são processos que trazem consigo desdobramentos com grande poder de alterar e reordenar as vivências cotidianas. No que se refere a certas parcelas que são ou foram atingidas diretamente pelas enfermidades, seja na condição de doentes ou mesmo de mortos, espaços lhes foram e ainda lhes são reservados, vigiados e seus corpos estigmatizados. Considera-se que tais dinâmicas dialogam com as doenças e seus impactos, mas também de acordo com um conjunto de valores, experiências, interesses e simbologias acionadas pelos sujeitos históricos. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo compreender as diretrizes vigilantes, desiguais e segregadoras acionadas aos corpos dos mortos e enfermos atingidos por epidemias de sarampo e de bexigas no Grão-Pará setecentista.

Abstract:

Epidemics are processes that bring with them ramifications with great power to change and reorder everyday experiences. With regard to certain parcels that are or were directly affected by illnesses, whether as sick or even dead, spaces were and still are reserved for them, watched over and their bodies stigmatized. It is considered that such dynamics dialogue with diseases and their impacts, but also according to a set of values, experiences, interests and symbols triggered by historical subjects. In that regard, this paper aims to understand the vigilant, unequal and segregating guidelines applied to the bodies of the dead and infirm affected by measles and bladder epidemics in eighteenth-century Grão-Pará.

¹Esse artigo, em certa medida, é um desdobramento das análises realizadas pela autora em sua dissertação de mestrado intitulada: “Do sarampo as perniciosíssimas bexigas”: epidemias no Grão-Pará setecentista (1748-1800), defendida no Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia da UFPA, no ano de 2017.

²Roberta Sauaia é doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará e professora da Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC-PA). E-mail: roberta.smartins@escola.seduc.pa.gov.br.

“Até os leões aprenderem a ler, os contos de caça sempre glorificarão o caçador”
Jacqueline Nozipo MARAIRE, 1996

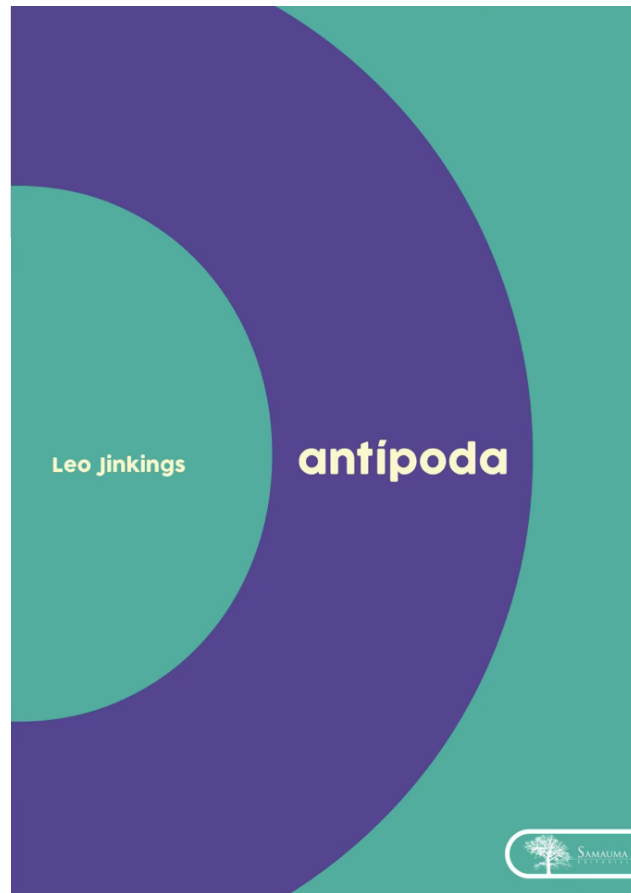
Há uma gravura de Johannes Stradanus (século XVI) que mostra o encontro de Américo Vespúcio com a América. Ele, de pé, segura com uma mão um astrolábio e com a outra empunha um estandarte com a cruz de Malta.² Atrás dele, caravelas e o mar vencido por elas. A gravura pode ser dividida bem ao meio por uma linha vertical imaginária, de forma que Vespúcio, o desbravador, fica à esquerda de quem mira o quadro, junto a todos os elementos que remetem à civilização e à conquista. Enquanto à direita, a América, curiosamente branca, previsivelmente nua, quase uma musa renascentista, ergue-se da rede, onde estava recostada. Ela olha diretamente para a Cruz, como que tocada por aquela força mística, e estende uma das mãos suavemente para Vespúcio, numa oferta que pode ser lida como redenção/rendição. Naquele lado do quadro tudo remete a alteridade radical (PEIRANO, 1999): a mulher nua e adornada por penas, animas monstrificados, uma paisagem luxuriante na qual, ao fundo, algumas pessoas em volta de uma fogueira esperam um membro humano assar.

²Para uma análise primorosa desta gravura ver Sevcenko (1996).



O antípoda

capa e diagramação



Ciranda dos nomes capa ilustrações e diagramação



Catálogo Mostra Coisas do Norte Capa, diagramação e identidade visual



MUITO ALÉM DO CENÁRIO: SUSTENTABILIDADE E ECOSSISTEMA AUDIOVISUAL NA REGIÃO NORTE

Por Clemilson Farias

Pensar a produção audiovisual na nossa Região Norte/Amazônia implica confrontar questões históricas e propor novos modelos de relação e de mercado que garantam nossa autonomia. Desde o começo, é fundamental destacar que o desenvolvimento (ou a falta dele) nas diversas regiões do país não ocorre por acaso. Isso é consequência direta de escolhas políticas. A concentração histórica da produção em certos territórios não se deu por um suposto talento natural de algumas regiões em relação a outras, mas sim porque políticas públicas, investimentos e estruturas institucionais sustentaram esse desequilíbrio ao longo de décadas. Assim, o equilíbrio territorial, racial e de gênero no audiovisual não é consequência automática da autorregulação do mercado, é uma decisão política que

depende da eficácia na execução de políticas públicas.

Historicamente, os realizadores amazônicos foram e ainda são tratados como coadjuvantes/figurantes de suas próprias histórias e o que ainda vemos hoje é a produção de obras que reforçam estereótipos, romantizam a vulnerabilidade ou se concentram no exotismo da floresta, desconsiderando a complexidade social, política e cultural de nosso território. Essas produções se utilizam de modelos de produção transplantados: formatos que chegam e se estabelecem na região, mas ignoram nossas experiências. O resultado desta produção são obras exuberantes em cenário, mas superficiais em discurso, porque se relacionam com a Amazônia como se fosse um grande estúdio a céu aberto, um pano de fundo intercambiável para histórias que não nos pertencem, que não nos tocam.

Em oposição a essa lógica, a produção local mostra que é possível criar a partir de outros tempos e outras dinâmicas. Projetos que ajustam o fluxo da produção totalmente ao ritmo do território e de sua população, respeitando ciclos naturais e dinâmicas comunitárias. Obras como os telefilmes Pés de Peixe e Vatapá ou Maniçoba, mesmo inseridos em uma lógica comercial, provam que narrativas ancoradas na cultura nortista/amazônica geram alta conectividade e audiência nacional, demonstrando o desejo do público por histórias locais sem clichês. Não se trata de colocar o cinema comercial em oposição ao cinema autoral, mas de valorizar o plural como um elemento estratégico e de afirmar a diversidade cultural brasileira em toda a sua complexidade e força.



CATADOR DE SONS

Dir. Juraci Junior | Experimental | 9 min | Rondônia

Um músico revisita lembranças em uma viagem em busca de ruídos, sons, timbres, interferências, paisagens sonoras e texturas polifônicas em Porto Velho.



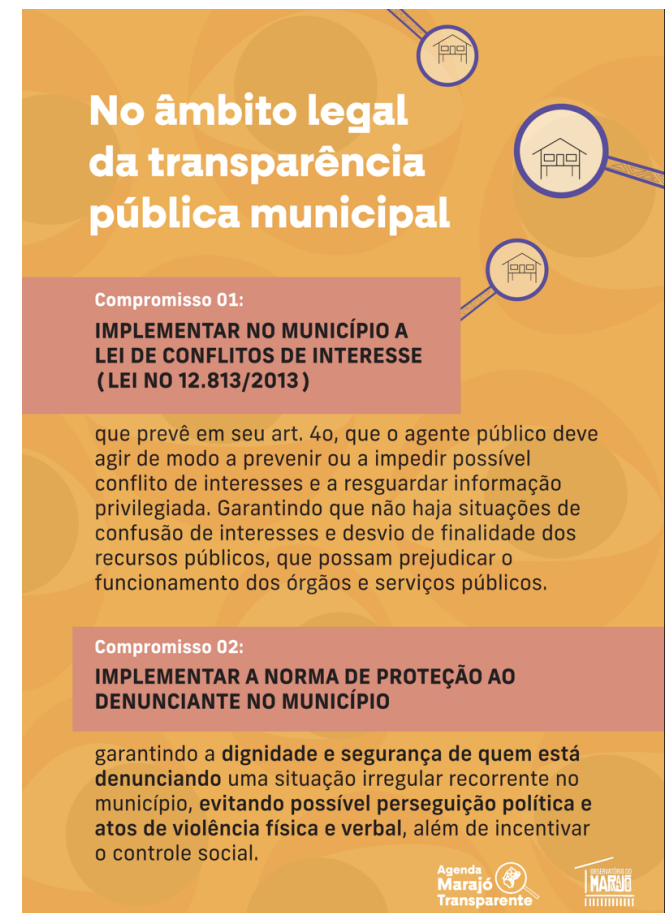
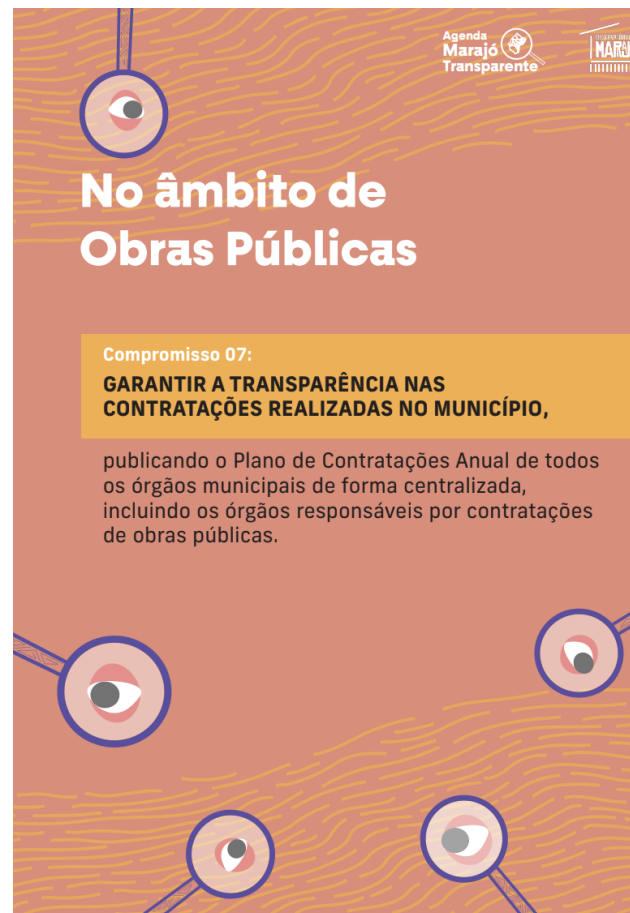
ALEXANDRINA - UM RELÂMPAGO

Dir. Keila Sankofa | Experimental | 12 min | Amazonas

Reconstrói o imaginário de Alexandrina, mulher negra amazônica e expedicionária que resume em si as contradições e os pólos duplos de uma racia-lidade esquecida e silenciada nas narrativas da negritude brasileira. Um manifesto que revive de forma poética as estruturas de uma personagem histórica.

Agenda Marajó Transparente

Capa e diagramação



Cartilha Rio da Transparência

Capa e diagramação

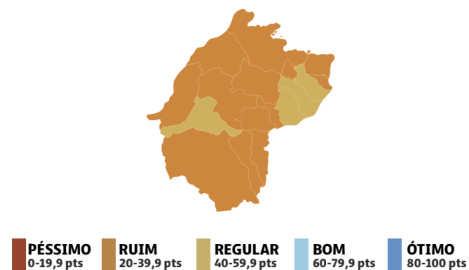


A construção do Ranking de Transparência e Governança Pública no Marajó é motivada pela necessidade de promover uma gestão mais transparente e acessível, capaz de atender às demandas das comunidades locais. No contexto marajoara, caracterizado por desafios estruturais históricos, como isolamento geográfico e desigualdades sociais, a transparência e a governança pública tornam-se essenciais para garantir que os recursos públicos sejam aplicados de forma eficiente e que os cidadãos tenham acesso a serviços de qualidade.

O Ranking busca, portanto, não apenas identificar as boas práticas e os desafios enfrentados pelas prefeituras, mas também estimular uma cultura de responsabilidade pública e fortalecer o controle social. Ele é uma ferramenta que permite às comunidades monitorarem o desempenho de suas gestões e exige dos governantes uma postura mais ética e comprometida com a promoção do desenvolvimento sustentável e inclusivo nos municípios do Marajó.

A avaliação dos níveis de transparência dos 17 municípios do arquipélago do Marajó revelou um cenário de desafios significativos. O índice geral variou entre "Regular" e "Ruim", evidenciando a necessidade de avanços em diversas dimensões, como Governança, Engajamento e Transparência Financeira. Destacam-se municípios como Muaná e Cachoeira do Arari com desempenho "Regular", enquanto outros, como Bagre e Curralinho, enfrentam maiores dificuldades. A análise evidencia desigualdades entre os territórios e ressalta a urgência de estratégias para fortalecer práticas transparentes e participativas.

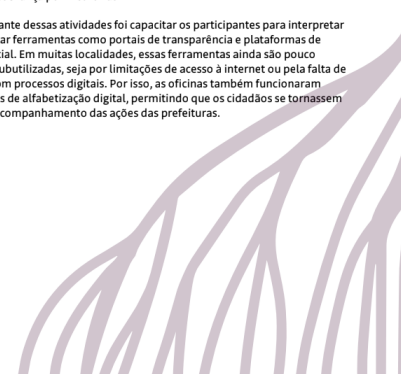
Resultado da avaliação geral do Índice de Transparência e Governança Pública das 17 prefeituras do Marajó



As oficinas comunitárias foram uma etapa essencial no processo de avaliação do Índice de Transparência e Governança Pública no Marajó. Realizadas nos municípios de Salvaterra, Muaná, Bagre e Breves, essas oficinas tiveram como objetivo principal promover o engajamento direto das comunidades no monitoramento da gestão pública e capacitar os cidadãos para o uso dos dados coletados.

Durante esses encontros, foi possível discutir de forma detalhada os resultados preliminares da pesquisa e, junto às lideranças locais, identificar os principais desafios enfrentados pelas prefeituras no cumprimento de suas obrigações de transparência. Além disso, as oficinas possibilitaram a troca de experiências entre diferentes comunidades, fortalecendo redes de colaboração que ampliam a fiscalização e a cobrança por melhorias.

Um foco importante dessas atividades foi capacitar os participantes para interpretar os dados e utilizar ferramentas como portais de transparência e plataformas de participação social. Em muitas localidades, essas ferramentas ainda são pouco conhecidas ou subutilizadas, seja por limitações de acesso à internet ou pela falta de familiaridade com processos digitais. Por isso, as oficinas também funcionaram como momentos de alfabetização digital, permitindo que os cidadãos se tornassem mais ativos no acompanhamento das ações das prefeituras.



<https://drive.google.com/file/d/1HMvCBYPaWwywdrSusqGDSMVL6gY4ll4a/view>

Catálogo Exposição Desacontecimentos

Capa e diagramação



Atravesso correndo a estreita avenida pra não perder o ônibus que se aproxima da parada, e consigo embarcar a tempo. Muita gente a passar na catraca, dinheiro vai e vem, em meio a perguntas, solicitações e trocos. Procuro um assento perto da porta de saída porque imagino que logo estará lotado – e encontro um lugar na janela. Fim de tarde quente, sol ainda baixando no horizonte e pintando todo o exterior em tons fortes. Quero me desligar de tudo, relaxar e não pensar em nada até chegar em casa. Pelo quadrado da janela as cenas se sucedem como em fotografias, eleições de partes da paisagem, dos objetos, de pessoas. Quase automaticamente vou identificando lugares e coisas. A praça, o museu, outro museu, outra praça. Pessoas correm pra tomar o ônibus. Entramos na avenida do canal, muitas casas, uma delas é torta e ameaçadora, mas a esqueço no minuto seguinte. O movimento é lento; obras tomam conta de partes da rua e os carros formam filas enormes com os ônibus, e as tantas motocicletas a serpentear por entre os veículos e se afastar rapidamente. Um imóvel do outro lado da rua me chama a atenção por estar vazio há anos, e as diversas placas de VENDE-SE em frente a antigas residências dão conta de mudanças que chegam sem avisar. Há muito a configuração arquitetônica do centro da cidade vem mudando, ao mesmo tempo em que se vai perdendo características que já atraíram olhares curiosos sobre um lugar no meio da floresta amazônica, que (dizem!) tem óperas e jacarés quase ao mesmo tempo. Penso que as fachadas, outrora rebuscadas e com desenhos em alto relevo, ou com cacos de ladrilhos coloridos criando desenhos que apontam para o céu, perdem informações e dão lugares a linhas retas, quase sem personalidade, tristes e vazias. Prédios muito altos tem placas enormes de vidro fumê nas frentes e laterais; cerâmica no chão a substituir o acapu e o pau amarelo dos pisos e tacos, que faziam longos desenhos de porta a porta, que quando criança criavam os limites da casinha, do escritório e da sala de aula características das tardes de brincadeiras. Pés direitos de quatro metros ou mais dão lugares a cubículos de teto rebaixado com gesso, seguindo uma moda exógena que não considera que habitamos à altura da linha do Equador. Pisco rapidamente e volto a ocupar o assento duro do ônibus. Ao longe mais prédios sobem, placas seduzem incautos compradores, e as moradas se esvaziam, viram comércios: somem os espelhos, os quadros e os retratos. Vislumbro igrejas antigas, relicários de obras sacras, promessas, dores e desejos, tudo tudo cercado por vitrais, e observo turistas com suas câmeras registrando o cimento e as paredes, e penso que o calor do sol não pode ser captado pelos pixels. Olho em volta, sempre sacolejando, e só vejo olhares fixos em telas, um ou outro digitando ágil e rapidamente uma mensagem, quem sabe respondendo, quem sabe perguntando, mas ninguém conversa... Volto para a janela e identifico as grades que me lembram a violência e a prisão a que estamos reféns no dia a dia, e que bom que estou voltando cedo pra casa. Minha parada se aproxima e já procuro a chave pra levar na mão. Respiro. Penso, com alguma melancolia, que sou habitada por esquinas.

Minha memória é habitada por esquinas

Maria Christina
Belém do Pará, verão de 2025



Dissertação

Inacontecimentos, Amazônia : [re]ações ambientais

Capa e diagramação

INAC

INACONTECIMENTOS, AMAZÔNIA
[RE]AÇÕES AMBIENTAIS

ONTE

LUCAS NEGRÃO

CIME

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

BELÉM 2024

NTOS

Neste capítulo apresentarei o processo de criação, concepção e resultados das obras desenvolvidas durante esta pesquisa. A estrutura deste capítulo está dividida de acordo com os seguintes tópicos: 3.1) Projeto: Criação e concepção, em que exploro os elementos iniciais da criação; 3.2) Acervo de imagens, dissertando acerca das fotografias utilizadas para constituição do banco de dados para uso na criação da obra; 3.3) Inacontecimento, Amazônia, em que discuto a obra finalizada e instalada no contexto da exposição Amazônia Desvelada; 3.4) Inacontecimentos, Amazônia, trazendo a instalação que foi prêmio FCP de Incentivo à Arte e à Cultura 2023.

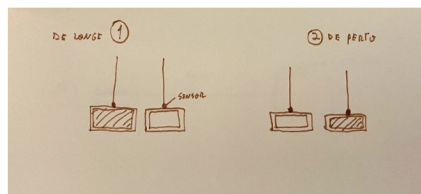


Figura 44 - Ideia inicial da proposta de obras, de longe uma imagem é exibida, de perto outra imagem é exibida.

3.1 - Projeto: criação e concepção

Ao longe, vê-se uma fotografia da paisagem amazônica de área preservada. Porém, ao se aproximar dela, outras imagens de uma área degradada aparecem na tela. A aproximação e o afastamento diante da obra produz a interação das imagens exibidas. Quanto mais capta movimento, mais imagens de uma Amazônia degradada são exibidas.

84

2.5 Amazônia Desvelada



Figura 26 - Registro da exposição Amazônia Desvelada, 2023, por Irene Almeida.

Essa pesquisa curatorial tem sua origem em 2021, quando surge a necessidade de trazer a temática Amazônia do ponto de vista político-crítico e não apenas do imaginário ou da poética cultural presente no território. O primeiro rascunho produzido com a lista de artistas e obras foi realizado em 2021, durante uma provocação no coletivo Pororoka, coletivo de midiativismo e ativismo o qual sou co-fundador. A partir dessa provocação, pensamos como poderíamos ampliar os debates sobre os projetos de exploração predatória na Amazônia de forma que não fosse um seminário, uma palestra ou outras formas mais tradicionais de discussão. O resultado apresentado contempla artistas exclusivamente da Amazônia e que discutem a questão da violência e de desastres ambientais, mas sobretudo revelam a luta e a resistência dos povos amazônicos.

85

Folder exposição

FotoAtiva 40 anos

Teia, fluxos e resistência



19 de abril a 19 de junho de 2024

Sesc Ver-o-Peso

Maria Christina
Orlando Maneschy
Curadoria

FotoAtiva 40 anos
exposição
Teia, fluxos e resistência



Miguel Chikao, Fotograma zero, 1987

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO DO PÁRA
PRESIDENTE DO COMÉRCIO REGIONAL DO NOROESTE
Secretaria de Cultura e Turismo
REPRESENTANTE DA ADMINISTRAÇÃO NACIONAL
DO COMÉRCIO REGIONAL DO NOROESTE
Cláudio João Pereira
DIRETORIA REGIONAL
MARCOS BRUNO DE OLIVEIRA TEIXEIRA
DEPARTAMENTO DE PRODUÇÃO CULTURAL
Nelson Nogueira Figueira
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
Viviane de Souza Queiroz
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO
Rafaela Figueira Lourenço de Almeida
Gerente de Gestão de Cultura e Turismo Sesc Ver-o-Peso
Dora Ferreira Rodrigues

MARIA CRISTINA
Orlando Maneschy
Curadoria
LUCAS NEGRÃO
Assistente de Curadoria

FOTO DE PAULO SANTOS
ALBERTO BITAR
DIREÇÃO DE ARTE
Orlando Maneschy
DESIGN
Lucas Negrão
FOTOGRAFIA
Assistente de Produção
ALACARDAMENTO
Dora Bello, Tereza de Almeida
Mônica Mattos no Serviço Social do Comércio - Sesc Ver-o-Peso

Apio
AMAZONIANA
Artes
Realização/Parceria
Sesc
Pernambuco
Cultura

FotoAtiva 40 anos

Teia, fluxos e resistência

Fundada a partir de encontros potentes e oficinas experimentais, a FotoAtiva origina-se a partir do pensamento instigante de Miguel Chikao e torna-se conhecida como um território múltiplo, coletivo, de propulsão de pensamento e criatividade, ambiente de debates e desenvolvimento de projetos de pesquisa, ensino, difusão e circulação da fotografia, expandindo-se a outras linguagens, majoritariamente vinculadas aos temas da imagem.

Neste cenário de ideias constituiu-se como um campo irradiador de olhares diferenciados, a se manifestaram em espaço fértil que se estabeleceu em Belém a partir das práticas coletivas dos amantes da fotografia.

Respeitada pela singularidade dos autores que por lá passaram e que cooperaram com o projeto, a FotoAtiva - hoje uma associação cultural sem fins lucrativos - contribuiu para o estabelecimento de uma linguagem fotográfica no norte do país, que instigou por sua diversidade de olhares ligados por vínculos em uma trama comum, e propiciaram momentos disruptivos em seu curso, deflagrando inovações de perspectiva.

Celebrar esta história nos traz hoje aqui, em um mapa de comemorações dos quarenta anos da FotoAtiva, articulando inúmeras atores que colaboraram para o avanço da fotografia a partir de ações nesta complexa teia que estabeleceu um lugar comum.

Panel histórico, diálogo, mapeamento e memória. Condensar 40 anos de vida comum em uma única imagem por autor nos pareceu honrar as instigantes práticas dos fotógrafos empreendidos pelo Foto Para e depois pela FotoAtiva na construção deste mapa visível afetivo e condensado.

Percorremos diversos caminhos na busca de imagens emblemáticas ao perceber a intensa força dessas histórias e suas relações tão imbricadas. Para nós é um convite ao olhar, um delírio de reencontro e um acionador de disparos para outras leituras e encontros. O início de um ano de pensamento e imagem. Este é apenas o primeiro clique!

Sabe a FotoAtiva e todas as pessoas que vivenciam ao lado de suas histórias.

Maria Christina
Orlando Maneschy
Curadoria
Lucas Negrão
Assistente de curadoria

qual é o sentido de ser
e estar nos lugares que nos tocam e
nos colocam em estado vibrante,
imerso no campo de fluxos que nos atravessam
e nos fazem movimentar?

que lugares?
os que escolhemos ou para onde nos deixamos levar?

não importa muito saber
porque são lugares-momentos
onde o sensível aflora e nos guia,
momentos em que a nossa função é não ter.

nem uma.

Belém, abril de 2024
Miguel Chikao



Luiz Braga



Paulo Santos



Octavio Cardoso



Patrick Pardini



Elza Lima



Ana Catarina



Jorane Castro



Miguel Chikao



Eduardo Kalif



Mariano Klautau Filho



Cláudia Leão



Maria Christina



Guy Veloso



Flávia Mutran



Waldia Marques



Fátima Silva



Luciana Magno



Ionaldo Rodrigues



Raio Verde



Jorge Ramos



Michel Pinho



Irene Almeida



Marise Maués



Lucas Negrão



Samir Dams



Cláudio Ferreira



Joyce Nabiça



Ronney Alano

design gráfico

Identidade visual

X Fórum Social Pan-amazônico

Co-criação com Arthur Leite, Lenu e Nícia Salimos



Rede Raio Que O Parta



Símbolos

Mosaicos de raios em vetor



Logo

preferencial



Permitido



Permitido



Fundo proibido:
para cores não especificadas
deve-se usar logo na versão
em monocromática.



Mostra Coisas do Norte

15 DE MAIO
19H

COISAS DO NORTE
MOSTRA DE CINEMA

ALEXANDRINA - UM RELÂMPAGO
Dir. Keila Sankofa | Experimental | 12 min | Amazonas
Reconstrói o imaginário de Alexandrina, mulher negra amazônica e expedicionária que resume em si as contradições e os pólos duplos de uma racialidade esquecida e silenciada nas narrativas da negritude brasileira. Um manifesto que revive de forma poética as estruturas de uma personagem histórica.

CATADOR DE SONS
Dir. Juraci Junior | Experimental | 9 min | Rondônia
Um músico revisita lembranças em uma viagem em busca de ruídos, sons, timbres, interferências, paisagens sonoras e texturas polifônicas em Porto Velho.

PRAÇA AMAZONAS
Dir. Ramiro Quaresma | Doc | 20 min | Pará
Os rastros de memórias dos meus avós, de Abetetuba até as ruínas da casa na Praça Amazonas em Belém, em Belém do Pará: Um relato poético e nostálgico sobre esquecimento e perdas a partir de imagens inventadas e imagens de arquivo.

MÃE VIRA PORCA
Dir. Fábila Barbosa | Ficção | 20 min | Pará
Inspirado pela observação minuciosa dos hábitos e costumes de Santarém (PA), este filme combina realidade e ficção, apresentando de maneira cômica temas universais como amizade, redenção, respeito às tradições e a busca por identidade.

COISAS DO NORTE
MOSTRA DE CINEMA

12 A 15 DE MAIO
19H às 22H
NO **CINE JOIA**
AV. NOSSA SRA. DE COPACABANA, 680

ENTRADA GRATUITA!

PNAB
FUNDACÃO
CINEMA
GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO
MINISTÉRIO DA
CULTURA
GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

design gráfico

Poster de filmes

Filme

Manhã de Domingo



REDUTO FILMES presents



MANHÃ DE DOMINGO

(SUNDAY MORNING)

Directed by
BRUNO RIBEIRO

RAQUEL PAIXÃO

Casting LEONARDO CASTRO SILVANA STEIN ANDRÉ PACHECO INDIRA NASCIMENTO VALÉRIA LIMA ÍTALO PEREIRA LAYZA GRIOT
Roteiro BRUNO RIBEIRO TUANNY MEDEIROS Script BRUNO RIBEIRO TUANNY MEDEIROS Executive Producer LAÍS DIEL Producer
JULIA MONNERAT LAÍS DIEL Production Design DIOGO HAYASHI Cinematographer WILSSA ESSER Editing VINÍCIUS SILVA Sound
Design BERNARDO UZEDA Costume Design MAYRA BARROSO Makeup INGRID LOUISE Sound Engineer GUSTAVO ANDRADE
Assistant Director CARLA VILLA-LOBOS Poster LUCAS NEGRÃO SILVIA DIEL



STUDIO L





Filme
Gargaú

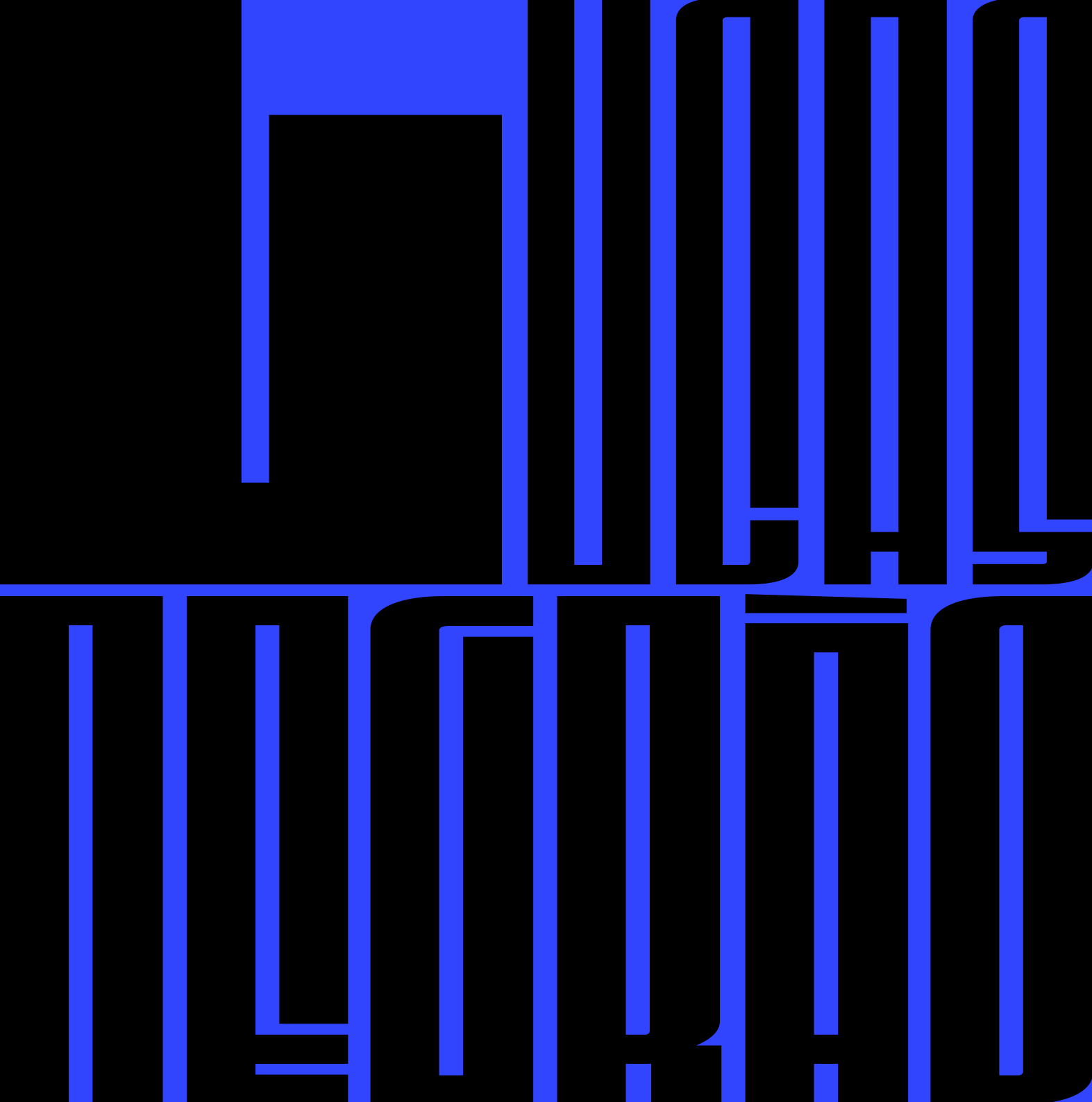


GARGAÚ

DIRECTOR & SCRIPT **BRUNO RIBEIRO** CINEMATOGRAPHY **BRUNO RIBEIRO, LUCAS FRATINI E TUANNY MEDEIROS** SOUND **GUSTAVO ANDRADE** EDITING **BERNARDO UZEDA** PRODUCTION **ADLER COSTA, BRUNO RIBEIRO E LAÍS DIEL**

Filme
Todo Fim É Bom





+55 91 984008967
negraolucas@icloud.com

negraolucas.com.br